



IGREJA NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO POR MAXIMILIAN EMIL HEHL (1891-1916): ECLETISMO NA ARQUITETURA SACRA PAULISTANA COM PREDOMINÂNCIA DO NEORROMÂNICO

(Igreja Nossa Senhora da Consolação by Maximilian Emil Hehl (1891-1916):
eclecticism in *paulistana* sacred architecture with a predominance of
Romanesque Revival architecture)

Marcos Eduardo Melo dos Santos

Mestre em Teologia pela PUC/SP. Doutorando em Filosofia pela UNICAMP

Susana Aparecida da Silva

Mestranda em Teologia Sistemática pela PUC/SP

RESUMO

O presente artigo reúne a bibliografia recente acerca da igreja Nossa Senhora da Consolação, considerada sob o prisma do estudo da arte sacra. Após um apanhado histórico sobre o bairro e o antigo templo da Consolação, serão destacados alguns aspectos artísticos mais relevantes da arquitetura e das obras de arte reunidas no edifício sacro, projetado pelo engenheiro alemão Maximilian Emil Hehl (1861-1916), cuja inspiração reporta-se às características formais e estilísticas da arquitetura românica, bem como às influências do ecletismo com predominância do neorromânico e do neogótico na São Paulo do começo do século XX.

Palavras-chave: História da Arte; Igreja Nossa Senhora da Consolação; Ecletismo; Neorromânico; Maximilian Emil Hehl.

ABSTRACT

This article presents the recent literature about the church Nossa Senhora da Consolação, considered through the prism of the study of sacred art. After a historical overview about the neighborhood and the ancient temple of Consolation, will be highlighted some most relevant artistic aspects of architecture and works of art gathered in the sacred building, designed by German engineer Maximilian Emil Hehl (1861-1916), whose inspiration reports to the formal and stylistic features of Romanesque architecture as well as the influences of eclecticism with a predominance of Romanesque Revival architecture and Gothic Revival in São Paulo in the early twentieth century.

Keywords: Art History; Nossa Senhora da Consolação; Eclecticism; Romanesque Revival architecture; Maximilian Emil Hehl.

INTRODUÇÃO

A igreja dedicada a Nossa Senhora da Consolação, localizada na avenida e no bairro paulistano homônimo, começou a ser construída em 1909, conforme o projeto do engenheiro alemão Maximilian Emil Hehl (1891-1916). O estilo predominante da igreja



é o eclético com predominância do neorromânico, estilo arquitetônico que recriou com técnicas modernas a arquitetura eclesiástica predominante na Europa entre os séculos IX e XII, cujas paredes espessas fornecem impressão de vigor e estabilidade. Repleta de obras pictóricas executadas por renomados artistas brasileiros, ponto de encontro da alta sociedade paulistana no início do século XX, a igreja da Consolação, como é habitualmente conhecida, apresenta-se não somente como um monumento histórico da capital paulista, mas como uma temática relevante para o estudo da arte sacra paulistana.

A diferença entre a arquitetura românica e a neorromânica, além da datação do início das obras, conforme Luis Fabio Antonioli, consiste na utilização “de técnicas e materiais modernos, racionalizando o efeito da dinâmica estrutural das antigas catedrais. A ambiguidade que acompanha os revivals emerge com mais força quando fica evidenciada a contradição entre o ritmo da arte, temporal, e o ritmo do progresso científico e tecnológico”.¹ Esse fenômeno é precisamente o que se dá com o ecletismo com predominância do neorromânico instituído no Brasil, e mais especialmente na capital paulista, na virada do século XIX para o XX. Ademais, verifica-se forte influência do ecletismo na arquitetura neogótica e neorromânica projetada por Max Hehl, sobretudo, nas obras de decoração artística interna, realizadas após o falecimento do engenheiro alemão.

Nota-se carência de bibliografia sobre a arquitetura e as obras de arte presentes na Igreja Nossa Senhora da Consolação sob a perspectiva da arte, da engenharia ou da arquitetura. Contudo, há alguns estudos que merecem ser mencionados e que proporcionaram informações significativas para a presente pesquisa. Destaca-se a dissertação de mestrado *Praça Roosevelt: possibilidades e limites de uso de espaço público*, desenvolvida por Jair César Maturano Ferreira.² Esta obra, embora focada no espaço público contíguo à igreja e sob a perspectiva da Geografia Humana, apresenta alguns dados históricos e sociológicos relevantes para a compreensão da arquitetura do edifício eclesiástico em questão. Sob a perspectiva da arte destaca-se, porém, o trabalho *Recomposição do revestimento das fachadas da Igreja Nossa Senhora da Consolação* publicada no II Congresso Internacional na “Recuperação, Manutenção e Restauração de Edifícios”, realizado no Rio de Janeiro em 2006, que analisa alguns aspectos artísticos e fornece referências acerca do estado de conservação do templo.³ Há também o estudo sobre o bairro da Consolação por Clovis de Athayde Jorge,⁴ pelas informações históricas. Outro estudo de importância seria *O neogótico nas igrejas de São Paulo* –

¹ ANTONIOLI, Luiz Fabio. *Percursos do ornamento*. 2010. XXXp. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

² FERREIRA, Jair César Maturano. *Praça Roosevelt: possibilidades e limites de uso de espaço público*. 2009. 189p. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

³ JUNGINGER, Max; RESENDE, Maurício M.; CORDTS, Roberto de M. *Recomposição do revestimento das fachadas da Igreja Nossa Senhora da Consolação*. II Congresso Internacional na “Recuperação, Manutenção e Restauração de Edifícios”. Rio de Janeiro, 2006. 10 p.

⁴ JORGE, Clovis de Athayde. *Consolação: uma reportagem histórica*. São Paulo, SP: Divisão do Arquivo Histórico, [1987]. 202p., il., 22cm. (História dos bairros de São Paulo; v. v.22).



Um estudo a partir dos arquivos da Cúria Metropolitana, por Eduardo Marotti Corradi, que valorizou a análise das plantas-baixas.⁵

1. HISTÓRIA DO BAIRRO E DO TEMPLO DA CONSOLAÇÃO

A primeira igreja dedicada a Nossa Senhora da Consolação foi construída em taipa de pilão, no mesmo local da atual, entre os anos de 1799 e 1801, após despacho favorável do então bispo diocesano de São Paulo, Dom Mateus de Abreu Pereira (1742-1824).⁶ A localização da igreja da Consolação possuiu relevância significativa para a história da capital paulista; situava-se à margem do caminho dos Piques, usado pelos tropeiros paulistas que, saindo do Largo da Memória, se dirigiam à região de Pinheiros e depois partiam para negociar com as cidades do oeste paulista, como Itu e Sorocaba.⁷ Com a autorização do bispo diocesano, os fiéis que residiam no lugar obtiveram auxílio de esmolas e deram início à construção da capela, numa pequena elevação e desviada da rua.

A região que cercava essa primeira e humilde igreja construída de taipa - como as demais casas de seu entorno - localizava-se então numa área desabitada e sem infraestrutura urbana. No altar-mor dessa igreja jazia a pequena imagem de Nossa Senhora da Consolação, esculpida em madeira e papel *machê*: “De pé sobre uma esfera estrelada apresenta na mão direita um cetro e tem no peito o Divino Espírito Santo. Possui sinais, nas orelhas, de ter usado brincos, o que reforça a sua origem portuguesa”.⁸ O aparecimento dessa imagem ainda é um mistério para os historiadores. A versão mais aceita é que um padre agostiniano, de viagem para Sorocaba, havia parado para celebrar sua missa e deixado sobre o altar a imagem com o objetivo de divulgar a devoção.

No decorrer do século XIX, o bairro cresceu em população. As pessoas subiam os morros da região para edificar suas casas. Não tardaram a surgir obras públicas relevantes, visando a proporcionar maior conforto aos moradores das casas que começaram a surgir no espaço contíguo da estrada e da igreja. O povo necessitava que a humilde capela apresentasse acomodações mais amplas. Datada de 1840, a primeira

⁵ CORRADI, Eduardo Marotti. *O neogótico nas igrejas de São Paulo – Um estudo a partir dos arquivos da Cúria Metropolitana*. XVI Congresso Interno de Iniciação Científica. Campinas: Universidade de Campinas, 2008.

⁶ “Exmo. Revmo.: Diz Luiz da Silva e mais irmãos devotos da Senhora da Consolação que elles alcançarão huma data de terra por detraz do Cemitério e como os supplicantes desejam alcançar o despacho de V. Exa. Rev. lhe conceda huma licença para formarem uma ermida no logar que tem explicado pello tempo vindouro que os mesmos Irmãos hão de forma seu Patrimonio para assim poder se Celebrar o sacrificio da Missa, e como não podem fazer sem Licença, portanto P. a V. Exa. Revma. seja servido atender o que os supplicantes implorarão”

Correspondência de Dom Mateus de Abreu Pereira. São Paulo. 1799. [ACMSP]

⁷ MAPPA da IMPERIAL CIDADE de S PAULO/Levantada particularmente para os meus servisas (sic) geodésicos e hidráulicas/a Carlos Rath – 1855. Autor: Carlos Rath. Fonte: Original pertencente ao Museu Paulista da Universidade de São Paulo (Museu do Ipiranga).

⁸ MUSEU DE ARTE SACRA. Catálogo do Museu de Arte Sacra de São Paulo. 284 p.



reforma proveu o edifício sacro de cinco janelas, duas torres, porta principal e duas entradas laterais, largas escadas de acesso e fachada em simplório estilo colonial. Foi nessa ocasião que a imagem de sua padroeira foi transferida para a igreja do Pátio do Colégio. Hoje em dia, essa imagem encontra-se em exposição permanente no acervo do *Museu de Arte Sacra de São Paulo (MAS)*.

Em 1855, uma epidemia de cólera atingiu São Paulo. Nesse mesmo ano, foi fundada a *Irmandade de Nossa Senhora da Consolação*, com a aprovação do Pe. Joaquim José da Silva Lisboa, cujo objetivo era “amparar os morféuticos que em grande número vagavam pela Província”.⁹ No pátio da igreja, montou-se então uma enfermaria com 30 leitos.

O livro de tombo informa que a igreja foi elevada à condição de Paróquia em 1870, tendo como patronos Nossa Senhora da Consolação e São João Batista; nessa época contava com 3.577 habitantes, “sendo 342 escravos e 8 eleitores”.¹⁰ O primeiro vigário, cônego Carlos Augusto Gonçalves Benjamin, foi capelão dos corpos militares paulistas na Guerra do Paraguai. Conforme o seu livro de tombo, os limites paroquiais se estendiam entre o Vale do Anhangabaú, a atual Avenida São João e o Rio Tietê. Nessa época, o território paroquial abrangia outras igrejas e capelas tais como a Santa Cruz das Perdizes, Santa Cecília, Divino Espírito Santo e Nossa Senhora do Monte Serrate, do bairro de Pinheiros. Conta-se que o segundo pároco, cônego Eugênio Dias Leite, conforme a expressão dos cronistas da época, dotou o templo da Consolação de “ricos paramentos e custosas alfaias”.¹¹

A região foi sendo ocupada pelas chácaras da elite econômica, como a do casal Martinho e Veridiana Prado, que ficava no grande terreno contíguo à igreja. No final do século XIX, as chácaras começaram a ser loteadas, dando início aos bairros nobres da região, como Santa Cecília e Higienópolis.¹² O terreno para a nova matriz da Paróquia Nossa Senhora da Consolação, localizado ao lado da antiga igreja, pertencia a Dona Veridiana Prado e foi comprado por 40 contos de réis. Tinha 35 metros de frente por 32 metros de fundos, e os lados mediam 42 e 50 metros. A área remanescente do terreno contíguo à igreja da Consolação continuou em poder da família até ser entregue ao poder público na década de 1930, como maneira de resolver a questão da contaminação causada no reservatório de água pelos dejetos da chacara. Essa área em volta da Igreja, já nessa época totalmente reconstruída, deu origem à Praça da Consolação, nome que manteve até 1950, quando se decidiu homenagear o ex-presidente americano Franklin D. Roosevelt (1882-1945).

⁹ BASTOS, Francisco. *Reminiscências de um Pároco de Cidade*. São Paulo: Paulinas, 1971. p. 30.

¹⁰ BASTOS, Francisco. *Reminiscências de um Pároco de Cidade*. São Paulo: Paulinas, 1971. p. 30. p. 17.

¹¹ BASTOS, Francisco. *Reminiscências de um Pároco de Cidade*. São Paulo: Paulinas, 1971. p. 30. p. 17.

¹² “Nessa época, a Consolação vivia mergulhada na quietude bucólica de suas chácaras com os casarões aristocráticos da época, rodeados de árvores frondosas. E quantas eram! A de Dona Veridiana Prado, que abrangia toda a parte alta da Consolação, estendendo-se por Higienópolis e Pacaembu afora; a do General Arouche, que ocupava parte da Vila Buarque, largo do Arouche até a avenida São João; a da Marquesa de Santos, que descia da rua Líbero Badaró, alongando-se pelo Vale do Anhangabaú, onde havia uma plantação de chá; o viaduto construído para transpor esse vale ficou conhecido como Viaduto do Chá por causa dessa plantação.” (BASTOS, Francisco. *Reminiscências de um Pároco de Cidade*. São Paulo: Paulinas, 1971).



2. CARACTERÍSTICAS ARQUITETÔNICAS DA IGREJA NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO

No início do século XX, surgiu a ideia de construir uma nova igreja. Em carta de 15 de agosto daquele ano, o primeiro arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva (1867-1938) concedeu ao vigário da paróquia da Consolação “faculdade para mandar demolir a actual igreja matriz da parochia a fim de que no mesmo lugar se possa erigir uma nova matriz que possa corresponder aos belos edifícios que ora existem nesta capital”. Entende-se essa normativa no contexto da modernização das igrejas coloniais instituído pelo arcebispo paulista que vislumbrava o crescimento e o enriquecimento da cidade em razão do comércio do café e da industrialização promovida pela migração europeia. Contudo, lamenta-se a destruição de muitas igrejas e edifícios de estilo barroco colonial, alguns dos quais não permaneceram sequer registrados em fotografias.

A antiga igreja de paredes de taipa levantada por Luiz da Silva e seu irmãos foi derrubada em 1907. E como já citado anteriormente, o projeto da nova igreja é de autoria do arquiteto alemão Maximilian Emil Hehl, professor da Escola Politécnica de São Paulo, o mesmo engenheiro que havia projetado as plantas das catedrais de São Paulo e Santos, assim como a igreja de Santo Agostinho e a capela do hospital Santa Catarina, ambos na capital. Embora o estilo da igreja da Consolação reporte-se ao neorromânico, gênero que recriou a linguagem arquitetônica europeia ocidental da Alta Idade Média, marcada por construções notadamente austeras, sua fachada apresenta elementos do estilo gótico, tais como a arquivolta no pórtico principal, os glabetes e os pináculos, incorporando-se, desse modo, o ecletismo, típicos dos movimentos historicistas da arquitetura.

Com efeito, no Estado de São Paulo, destacam-se ainda outras igrejas com características arquitetônicas observadas ao longo da história para adaptá-las às possibilidades materiais e tecnológicas dos novos tempos, tais como Santa Ifigênia e Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, ambas na Capital, e a Basílica Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida, considerada o segundo maior templo católico do mundo, menor apenas que a Basílica de São Pedro, no Vaticano.

Interessa expor que a pedra fundamental da nova Igreja de Nossa Senhora da Consolação foi lançada em novembro de 1909, e as obras se prolongaram por alguns anos, sobretudo no tocante à confecção dos ornamentos internos. Sua planta, em formato de uma cruz latina, atinge, na parte da cruz mais longa, 49,7m. A nave menor, 33,1m. A nave central está orientada no eixo norte-sul com o altar-mor ao lado sul. O transepto está interseccionado ao centro da planta com uma cúpula octogonal com quatro lados maiores correspondentes às naves e os demais quatro lados menores deslocados em 45 graus do eixo principal da igreja. Algumas salas anexas ao corpo principal da igreja se estabelecem às vezes de capela do Santíssimo Sacramento, sacristia e demais capelas laterais. O corpo central da cruz é subdividido por três naves cujos limites são algumas colunas encimadas por arcos românicos. Há somente uma torre, na qual estão



localizados os sinos, reformados e abençoados por Dom Odilo Pedro Scherer em dezembro de 2012. O pavimento térreo da torre é usado como átrio.



Figura 1: Vista do satélite da Igreja Nossa Senhora da Consolação
Fonte: Google Maps. Acesso em 21/01/2014.

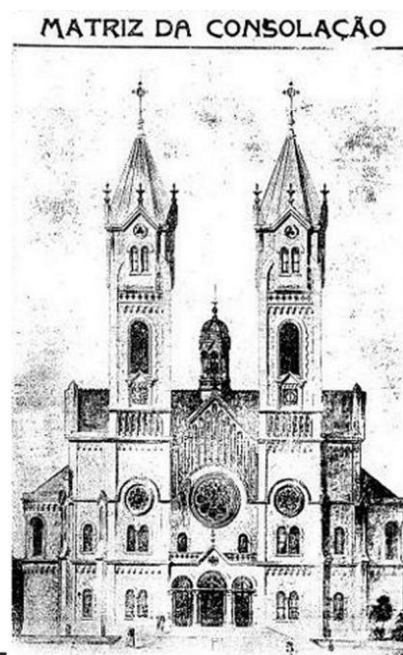
A fachada possui 20 metros de largura e 49 metros de profundidade do átrio até o fundo da abside. A nave central possui 12 metros. Localizada no centro do transepto, a cúpula atinge 20 metros de diâmetro e 20 de altura. Compõe uma área construída de 1626 m². A fachada é construída em estilo românico, com colunas, capitéis e arcos românicos, e apenas uma torre de 75 metros de altura ao centro encimada por um cone e pináculo. Ao centro têm-se um relógio – elemento atípico no gótico.

Há, porém, uma divergência entre a atual fachada da igreja e aquela publicada no jornal *O Estado de São Paulo* de 22 de novembro de 1909. A atual apresenta apenas uma torre enquanto que aquela, duas. Qual das duas corresponde ao projeto de Hehl? Permanece o mistério enquanto não se consulta as plantas do arquivo da Cúria Arquidiocesana de São Paulo. Os diversos lados da fachada atual da igreja são compostos basicamente de dois tipos de materiais: cantaria e reboco. Nas catedrais europeias, o uso de granitos e pedras lavradas quase não demandava o acréscimo de reboco. De maneira geral, na igreja da Consolação, pode-se dizer que as paredes são de cantaria e os detalhes e revestimentos de pilares de reboco de argamassa. O processo de restauração da igreja exigiu o uso de diversos materiais do tipo massa lavada, como massa batida e *fulget* ou granito lavado.



A fachada principal apresenta um portal com arquivoltas, rosácea trabalhada em ferro forjado batido, confeccionada pela empresa *Abreu & Cia*.

Figura 2: Fachada da Igreja Nossa Senhora da Consolação.



Fonte: O Estado de São Paulo, segunda-feira, 22 de novembro de 1909. p.5.

3. IMAGENS, PINTURAS E MOBILIÁRIO

Quanto à arte, o maior destaque deve ser dado à pintura interna, que apresenta belas imagens nas cúpulas e nas paredes, com pinturas e telas assinadas por grandes nomes da arte brasileira, como Benedito Calixto (1853-1927) e Oscar Pereira da Silva (1867-1939). Há também afrescos de admirável qualidade. A maioria dessas obras encontra-se sobre paredes de argamassa de cal e revestimento de cal e gesso, além de outras expostas sobre tela.

O altar-mor, confeccionado em carvalho, mármore branco e bronze, pela empresa francesa *Maison Forest*, apresenta várias telas de Oscar Pereira da Silva (1867-1939), ostentando em seu ponto mais alto a imagem de Nossa Senhora da Consolação.

Na Capela do Santíssimo Sacramento, há seis óleos sobre tela pintados por Calixto, datados de 1918, intitulados respectivamente como *Santa Clara Virgem* (270 x 78cm), *A Caminho de Emaús*, (270 x 128 cm), *Santo Antônio de Pádua* (350 x 92 cm), *São Tarcísio* (270 x 78 cm) e *São Tomás* (350 x 92 cm). Tais obras ilustram passagens bíblicas sobre o sacrário que preserva a hóstia ou o corpo de Cristo. Essas pinturas



correspondem ao ulterior gênero ou fase de sua obra pictórica do gênero religioso.¹³ Em 1984, alguns quadros de Calixto e Pereira da Silva foram danificados num restauro malogrado. Após alguns cuidados técnicos, esses quadros encontram-se hoje bem conservados e não correm risco algum de dano. Nota-se que as pinturas e o mobiliário em madeira se destacam pelo estilo neoclássico.

Além da nave central, há algumas capelas laterais como aquela dedicada ao Sagrado Coração de Jesus e que apresenta imagens da vida de Cristo pintadas nas paredes e esculturas de Santa Maria Margarida Alacoque (1647-1690), remontando à história da origem da devoção ao Coração de Jesus e de Nossa Senhora Auxiliadora. O altar é talhado em madeira com detalhes em ouro. O piso original da igreja é constituído de azulejos policromados, embora uma parte tenha sido substituída por granito, devido ao desgaste natural.

Desde o século XIX, quando Eugênio Dias Leite era vigário local, a igreja ostenta ricas imagens de São João Batista, Santana, Bom Jesus, São Pedro, São Miguel, São José, Nossa Senhora da Conceição, São Paulo e São Francisco de Paula. Destacam-se ainda as placas que rendem homenagens àqueles, de mais posses, que contribuíram para a ereção da igreja, como o Barão de Ramalho e o Barão do Tietê.

Notável também é o órgão de tubos, trazido de Nápoles, Itália, em 1931, sendo que já nessa época foi colocado em uso pelo organista italiano Giuseppe Pertillo, integrante de uma tradicional família napolitana de construtores desse instrumento. Os vitrais são da antiga *Casa Conrado*. O lustre central da nave, confeccionado em ferro batido, é trabalho artístico realizado pelo Liceu de Artes e Ofícios. O púlpito é todo entalhado em madeira. Destaca-se, por fim, o restauro dos sinos, entregues em dezembro de 2012.

Em 2011 foi anunciada uma reforma integral do interior, para reparar as pinturas, os detalhes decorativos, bem como o órgão. O CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico) e CONPRES (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo) afirmam que não está em aberto o processo de tombamento. Estima-se que apenas a reforma da parte artística da igreja custaria algo em torno de R\$ 18 milhões.

CONCLUSÃO

Apesar da insuficiente bibliografia do ponto de vista das artes visuais e da arquitetura, o presente trabalho visa a reunir informações relevantes para o estudo da arte sacra, especialmente no tardio reflexo *revival* gótico em São Paulo, que, na verdade, parece ter sido executado de forma eclética. Max Hehl propôs em seu projeto original uma igreja em estilo neorromânico, porém a sua morte prematura em 1916 pode ter ocasionado

¹³ “Pode-se, realmente, dividir a atividade artística de Benedito Calixto em três fases: a primeira dedicada às paisagens e marinhas; a segunda aos temas históricos que lhe eram particularmente familiares; e a última a assuntos religiosos que tinham íntima relação com o seu profundo espírito cristão e que ele conhecia tão solidamente como qualquer teólogo” (GUEDES, Emmanuel. *A arte de Benedito Calixto*. Apresentação Emmanuel Guedes. [s.l.: s. n.], 1946. 78 p).



mudanças no projeto original, como a notória construção de apenas uma torre. Diversos artistas trabalharam nas obras pictóricas internas da igreja, tais como Benedito Calixto e Oscar Pereira da Silva, e imprimiram, sem dúvida, sua personalidade e estilo. O ecletismo na igreja é notório, apesar da predominância do estilo neorromânico na arquitetura projetada por Hehl. Ademais, o neoclássico é utilizado nas pinturas, esculturas e no mobiliário em madeira. Pode-se concluir que a igreja da Consolação está compreendida no período em que vigorou o ecletismo na arquitetura sacra paulista, embora, ao que parece no atual estágio da pesquisa, Hehl tenha querido imprimir na arquitetura o estilo neorromânico.

BIBLIOGRAFIA

ANTONIOLI, Luiz Fabio. *Percursos do ornamento*. 2010. XXXp. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

BASTOS, Francisco. *Reminiscências de um Pároco de Cidade*. São Paulo: Paulinas, 1971. 191 p.

CORRADI, Eduardo Marotti. *O neogótico nas igrejas de São Paulo – Um estudo a partir dos arquivos da Cúria Metropolitana*. XVI Congresso Interno de Iniciação Científica. Campinas: Universidade de Campinas, 2008.

FERREIRA, Jair César Maturano. *Praça Roosevelt: possibilidades e limites de uso de espaço público*. 2009. 189p. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GODINHO, Antonio de Oliveira. *O Museu de Arte Sacra de São Paulo*. São Paulo: Banco Safra, 1983. 270 p.

GUEDES, Emmanuel. *A arte de Benedito Calixto*. Apresentação Emmanuel Guedes. [s.l.: s. n.], 1946. 78 p.

JORGE, Clovis de Athayde. *Consolação: uma reportagem histórica*. São Paulo, SP: Divisão do Arquivo Histórico, 1987. 202p. (História dos bairros de São Paulo; v.22).

JUNGINGER, Max; RESENDE, Maurício M.; CORDTS, Roberto de M. *Recomposição do revestimento das fachadas da Igreja Nossa Senhora da Consolação*. II Congresso Internacional na “Recuperação, Manutenção e Restauração de Edifícios”. Rio de Janeiro, 2006. 10 p.

MAPAS

MAPPA da IMPERIAL CIDADE de S PAULO/Levantada particularmente para os meus servisas (sic) geodésicos e hidráulicas/a Carlos Rath – 1855. Autor: Carlos Rath. Fonte: Original pertencente ao Museu Paulista da Universidade de São Paulo (museu do Ipiranga).